

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LSBOA: — Anno 3,500 rs. — Semestre 1,520 rs. —
Trimestre 1,500 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM 46. — SABBADO, 15 DE NOVEMBRO DE 1856.

PROVINCIAIS — FRANCO — Anno 4,500 — Semestre 2,5100 rs.
Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5,5000.

SUMMARIO.

Que bello mundo é este em que vivemos — O Castigo do Senhor (continuação) — Oliveiro Cromwell — Monumentos da campanha da Crimeia (continuação) — Prégador portuguez celebre em Paris no seculo XVII — Kensington-Gore — Estatua de Pedro Grande — Os contos do tio Joaquim (continuação) — O sapateiro d'escada (continuação) — Pharol do cabo Carvoeiro — A memoria da Senhora D. Maria II — Industria — Pescaria das perolas em Ceylão — Chronica Semanal.

GRAVURAS — Pharol do cabo Carvoeiro — Oliveiro Cromwell — Pescaria das perolas em Ceylão — Estatua de Pedro Grande — Kensington-Gore.

QUE BELLO MUNDO É ESTE EM QUE VIVEMOS!

Entre as bellezas, que encerra o nosso mundo, e que algum chamaria enormidades sociaes, deve contar-se com especialidade o empenho com que cada classe deseja o mal das outras, pondo o seu interesse em contradicção com o interesse geral. O *advogado* deseja que haja discordias e contendas entre as familias e pessoas ricas, e que d'ahi resultem grandes, complicados, e interminaveis processos. O *medico* deseja aos seus amados concidadãos febres malignas e perigosas, catharros impertinentes e pertinazes: elle se julgaria arruinado, se todo o mundo tivesse a felicidade de morrer sem doença; assim como o *advogado*, se as demandas se terminassem por arbitros. O *militar* deseja uma boa guerra, em que sejam mortos, ao menos, ametade dos seus camaradas, com tanto que elle fique vivo para promover o seu adiantamento nos postos. O *paroch* é interessado em que a morte se não entregue á ociosidade, e que haja bons enterros a *coche*. O *juiz* deseja que a estatistica dos tribunaes nos forneça ao menos dez mil crimes cada anno; porque se nenhum se commettesse, seria necessario fechar aquelles santuarios da justiça. O *monopolista* e o *atravessador* de cereaes quer que haja uma boa fome, que levante ao duplo, ou triplo o preço dos pães. O *mercador de vinhos* deseja boas geadas, que destruaem os gommos, e boas saravadas, que estraguem as vindimas. O *architecto*, *pedreiro*, e *carpinteiro* desejam um grande incendio, que abraze e consuma cem ou mais casas. Emfim a nossa civilização por toda a parte nos apresenta o ridiculo mecanismo das fracções de um todo, obrando contra esse todo, e desejando-lhe todo o mal possivel.

Mas ainda não pára aqui. A lei religiosa que nós pro-

fessamos, é uma lei de benevolencia universal, de egualdade, de fraternidade, de caridade, de abnegação. Contudo o rico soberbo e orgulhoso despreza e opprime o pobre desvalido: o pobre inerte, e madraço tem inveja ao rico, e trabalha por despojal-o, e trocar as sortes. O branco reduz a barbara escravidão o negro, e o compra, e o vende como a um animal irracional. O povo estúpido vae assistir e applaudir o supplicio dos seus irmãos criminosos. Quando meia cidade está entregue aos espectaculos, ao jogo, aos bailes, aos banquetes, aos serões, está outra meia supportando em triste silencio e abandono todas as penalidades da doença, da fome, da miseria. Por toda a parte vemos relaxados os vinculos, que deveriam ligar os homens uns aos outros: por toda a parte se observam mutuos receios, temores, desconfianças, odios, animosidades, vinganças: por toda a parte reina a discordia, a luta, o antagonismo, a anarchia, e a hostilidade, na politica, entre o poder e a liberdade; nas sciencias entre as muitas e desvairadas seitas e opiniões; na moral entre a libertinagem e o fanatismo; nas bellas-artes entre o rigor das regras classicas, e a sultura do romanticismo indefinido; na linguagem entre o archeologismo supersticioso, e o neologismo insensato etc. etc.

Que bello mundo é este, em que vivemos!

Tudo no mundo está em continua mudança; e n'este movimento universal o genero humano é subjeito á duplicada influencia do tempo, e da sua propria actividade: mas poderá acaso dizer-se que a sua marcha é progressiva? poderá dizer-se que elle se adianta para um

termo certo, de maneira que se possa esperar algum melhoramento em seus destinos sobre a terra? ou dever-se por mais provavel, que elle não faz mais que gyrrar de continuo n'um circulo, voltando sempre ao ponto d'onde partiu, para d'elle outra vez se apartar, e outra vez tornar ao mesmo ponto?

Para resolvermos esta questão cumpre examinar as nossas facultades, os nossos diversos trabalhos, e os seus resultados.

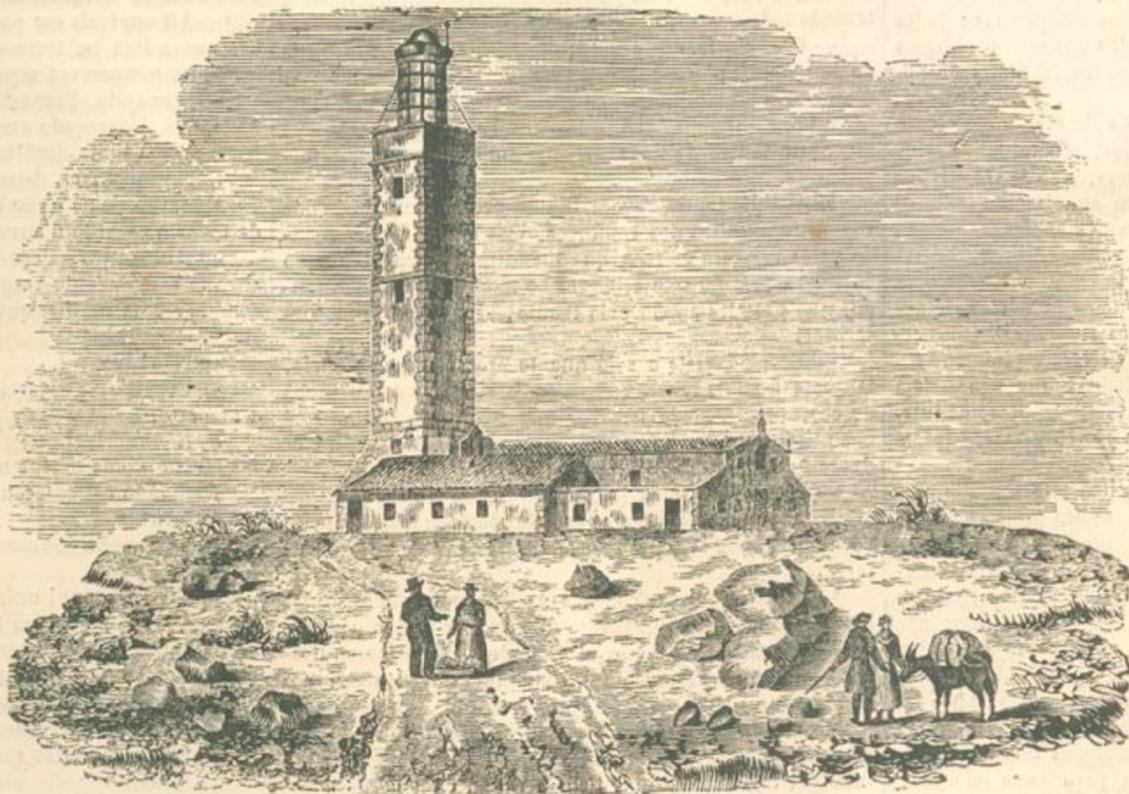
Primeiramente observa-se, não sem grande admiracão, que a imaginação do homem tão viva, e tão fecunda, é comtudo entre as facultades do nosso espirito a unica, cujas produções se acham circunscriptas dentro dos mais estreitos limites.

A poesia, as bellas-artes, filhas da imaginação, nascem, prosperam, declinam, e acabam em um povo; e renascem em outro, offerecendo-nos sempre os mesmos phenomenos; e não se pode dizer que nos paizes, em que ellas actualmente florecem, os poetas e os artistas obtenham alguma decisiva e evidente superioridade sobre os seus predecessores.

Alguns escriptores tem seguido, e desinvolido com muito talento a opinião contraria, pretendendo que a litteratura moderna excede a litteratura antiga; mas estes escriptores seduzidos por um systema engenhoso, me parecem mais sollicitos de o fazerem agradavel e lisonjeiro, do que de darem testemunho á verdade.

A poesia percorrendo a Grecia, a Italia, a Hespanha a França, tem ostentado n'estas diversas nações riqueza

quasi eguaes. Podem tomar se indistinctamente versos de Euripides, de Virgilio, de Tasso, de Camões, ou de Racine para mostrar até que ponto de perfeição pode elevar-se o genio n'esta divina arte. O gosto particular de um povo, algumas circumstancias da sua situação, a differença dos tempos, dos costumes, das instituições pode fazer que um povo, uma nação, prefira as obras dos seus poetas ás de todos os outros povos; mas se considerarmos este objecto em geral, e com imparcialidade, facilmente veremos, que os gregos (por exemplo) ainda não foram excedidos na arte de excitar nos espectadores dos seus theatros, vivos e nobres affectos, e commoções. Podé compor-se differentemente, sem compor melhor. Não: a litteratura não segue uma marcha progressiva: descreve um circulo. O povo que succede a outro na posse da gloria litteraria não continua a obra dos seus predecessores; começa-a de novo pisando o mesmo caminho que lhe deixaram traçado.



Pharol do cabo Carvoeiro.

Trabalhos mais graves e mais importantes do espirito humano apresentam bem diferente phenomeno. O poder que o homem tem de recolher factos, de os comparar, de tirar d'elles consequencias, de crear por este modo sciencias fecundas em uteis applicações; este poder, digo, exercita-se sobre um amplissimo terreno, sobre um dominio immenso, a que é impossivel assignar limites. Accresce que nas letras os trabalhos são individuaes, nas sciencias porém são communs. As riquezas scientificas colligidas de entre todos os povos, e em todas as edades foram um thesouro, que os nossos contemporaneos augmentam com o producto das suas vigílias, e meditações, e que os nossos vindouros continuarão a augmentar. Logo a marcha das sciencias é progressiva; nós partimos do ponto a que chegaram nossos predecessores, e podemos ir mais longe do que elles.

Sem duvida que muitos descobrimentos, muitas artes, muitos inventos se tem perdido. Factos e processos conhecidos em seculos remotos são ignorados nos nossos dias. Mas, por uma parte, estas perdas são provavelmente de pouco valor; e por outra parte, não se podem temer outras semelhantes no futuro.

O genio achou os meios de dar perpetuidade ás suas obras. A imprensa, e a gravura transmittirão aos seculos vindouros indefinidamente as mais preciosas e uteis invenções. Nem o furor dos conquistadores, nem as revoluções intestinas que devoram os povos, nem os esforços dos mais cegos e barbaros tyrannos podem d'ora ávante aniquilar as luzes, privar-nos dos seus effectos. Em todas as partes do mundo existem archivos, onde estão depositados todos os humanos conhecimentos. Um só paiz civilisado que escapasse aos estragos da barbaridade seria para todos os outros a arca de salvação. Já não cabe no poder do homem destruir a obra do homem: só uma revolução physica, que abalasse e transtornasse o globo até aos seus fundamentos, é que poderia hoje em dia aniquilar as sciencias, e os seus felices resultados.

Um ser limitado nas suas forças e nos seus meios de acção não pode produzir senão effectos limitados: e d'este principio se segue evidentemente que os progressos das sciencias, e das artes industriaes não podem ser *infinitos*: mas tudo annuncia, que o espirito humano se irá exercitando, melhorando, adiantando por uma longa serie de seculos antes de tocar os limites que a sabedoria do Creador lhe prescreveu, e que o homem não pode traspassar.

Quem faz conjecturas sobre os progressos possiveis das sciencias, expõe-se ao dobrado perigo ou de ficar muito áquem da verdade, ou de passar por sonhador. Comtudo pode presumir-se que os nossos vindouros se elevarão a descobrimentos tão fecundos em resultados, e tão poderosos para adiantar a civilisação, como foram o da imprensa, e o da bussola. Que influencia se não pode esperar dos balões aerostaticos! da pilha magnetica de Volta! que vantagens se não tem já tirado, e se não podem ainda tirar da navegação em barcos movidos por vapor! Simples aperfeiçoamentos, simples applicações do que já existia, por exemplo, a lithographia, o telegrapho, terão acaso um dia incalculaveis resultados.

Nas sciencias moraes e politicas os progressos são mais difficeis e menos evidentes que os das sciencias physicas e mathematicas. Estas trabalham sobre a materia inerte: o campo das suas observações é vastissimo, mas estavel, e permanente. A experiencia verifica facilmente a utilidade dos seus descobrimentos, e para fazer applicações certas, basta calcular com exacção. As sciencias porém que tratam do homem e da sociedade trabalham sobre objectos, que estão em perpetua mobilidade, que se submettem mais ao pensamento que aos sentidos: os dados que se requerem para a justa solução dos seus problemas são numerosos, variados, complicados, difficeis de apprehender.

Os factos que se vão recolhendo de seculo em seculo para servir de base a estas sciencias, são sujeitos a interpretações diferentes: as theorias, que sobre elles se levantam, nem sempre persuadem egualmente todos os espiritos: e ainda quando parecem demonstradas, occorrem muitas circumstancias que as vem modificar, contrariar, ou fazer duvidosas as suas applicações. Emfim uma mysteriosa lei da natureza quer que os homens nascidos para derramar novas luzes entre os seus semelhantes sejam quasi sempre perseguidos por elles. Os homens superiores offendem o amor proprio dos que não podem egualal-os: encontram os interesses de muitos: os interesses e o amor proprio trabalham por vingar-se, e fazem para este fim torpes allianças.

Se algumas verdades mathematicas tem causado perseguições aos seus descobridores, muito mais eminente é o perigo quando se trata de verdades, que além de serem de si mesmo menos evidentes, vão tocar em mais extensos e mais graves interesses. Assim, muitos observadores pacificos, temendo a animosidade dos partidos, não ousam aventurar as suas idéas; abandonam a penna a mãos venaes ou facciosas; e o mundo fica privado de obras que seriam preciosas, porque seriam escriptas de boa fé. Todas estas causas reunidas explicam sufficientemente a razão porque os progressos das sciencias moraes e politicas são menos rapidos. Comtudo para estas sciencias, assim como para as outras, é evidente que as gerações successivas podem aproveitar-se das luzes, e até dos erros das que lhe tem precedido; que podem conseguente-

mente illustrar-se cada vez mais, e multiplicar os resultados praticos dos descobrimentos uteis.

E pois (ao que parece) demonstrado pelo raciocinio que a especie humana é susceptivel de progressivo melhoramento. Mas acaso observamos nós n'ella effectivos e verdadeiros progressos? acaso confirma a experiencia esta theoria tão fecunda em bellas esperanças?

D. FRANCISCO DE S. LUIZ. — *Extr. da collecção dos seus manuscriptos.*

O CASTIGO DO SENHOR.

CONTO AO SERÃO.

Continuação

XIII

QUAL SERÁ MAIS DESGRAÇADO!?

Tinham decorrido apenas algumas horas e tudo estava mudado em casa de Roberto Guilherme.

Laura, os hospedes, e o proprio senhor haviam desaparecido; mas Fernando tinha dito aos criados de seu pae que elle os esperava na capital.

Os criados partiram.

A verdade porém, é que todos se mudaram para as casas subterraneas. Paulino fóra preso e conduzido a um pequeno quarto onde estava havia oito dias; Luiza egualmente, e Eduardo que não sentira abalo de notar na pequena ferida que lhe fizera o seu rival, e que unicamente perdeu os sentidos pela dôr que tivera, resultado talvez do primeiro golpe, tinha sido arrancado aos cuidados da que julgava sua esposa, e recluso n'um pequeno quarto que deitava para a capella.

Não existiam ali os rigores que ralam o corpo, porque Eduardo tinha um leito soffrivel, ou talvez mais ainda; um dos subditos ou companheiros de Fernando conduzia-lhe tudo quanto necessitava para alimentar-se, mas esta posição era infernal: separado de todos que amava, pensando que Laura, que já considerava sua mulher, tria em breve aos braços d'outro, não vendo modo algum de quebrar um captivo sem lei, mas imposto pela força, Eduardo soffria muito.

O logar em que elle se achava era espaçoso; um lampião allumava-o, e no momento em que fallamos, o manco sentado e encostando a frente ao punho, erguia a alma n'esses dois pensamentos que dão ao homem a vida moral — Deus e o amor.

A porta que deitava para a capella abriu-se, e Fernando entrando, arrancou o filho de Luiza ao sonho em que parecia arrebatado, bradando:

— Eduardo!

O preso sentiu aquella vós ecoar-lhe n'alma como nota de harpa diabolica, e encarando o homem a quem devera todos os males, ergueu-se exclamando:

— Ainda tu?!

Não podia crer que Fernando ao cabo de oito dias apparecesse como cupula ao insulto e á malvadez.

Era todavia uma realidade.

O renegado de todos os sentimentos d'alma começou: — Não te lembraste, Eduardo, que eu viria ainda uma vez diante de ti saborear a tua derrota, e a minha victoria?! Não sabes que a maior ventura é a vingança?!

Eduardo era fraco e debil, estava exausto de forças, não tinha uma só arma; Fernando possante, vigoroso, e armado todo.

— Crê, exclamou o desditoso encarcerado, que se tudo te gloria, n'esse sentimento desprezivel de vingança, d'essa paixão vil, de que os gosos duram um instante por cada hora d'agonia, crê, que se eu aqui nem posso pensar como sairei de novo ao mundo, que Deus hade fulminar-te.

Fernando sentiu revoar-lhe no pensamento uma dôr como prognostico dos remorsos, mas o seu rival, animado pelas magoas moraes que lhe atirara ao rosto o novo chefe, proseguiu sem attender ao movimento de Fernando, que passara a mão pela frente, sacudindo idéas pesadas.

— Despedaste o seio que te protegeu na infancia, lança-te á mais cruenta desgraça a mais pura das filhas do ceo, prendeste o homem que te excede tanto, que conquistou em um momento o coração porque suspiravas desde que pensas, e porque suspirarás sempre.

— Meu Deus, meu Deus!

Não se poderia dizer se este brado, que saiu do peito do homem que ia ser esposo de Laura, era de odio ou de raiva.

— Acima de tudo, continuava Eduardo, encarceraste ainda minha mãe, que jurara não revelar nunca o segredo d'estes miseraveis que te rodeiam. Mal posso eu desarmado ser o instrumento das vinganças do Senhor, mas hade o seu braço fulminar-te no futuro.

Fernando que não tinha o espirito endurecido no crime, sentia-se vergar ao peso das justas accusações do seu inimigo, mas recobrando todo o vigor, exclamou:

— Não soube nunca tremer, o meu poder aqui é immenso.

E quasi que a força o abandonava, e as lagrimas, que

lhe desfalleciam a voz, desmentiam o seu fallar d'orgulho, e continuou:

— Mas dize, podia eu recuar? Se ha crime é só teu. Vieste lançar-te no meu transito ameno, ceifaste as rosas da minha ventura que apenas começavam a brotar.

E o furor que do coração lhe trasbordava pelos labios traduzia a energica paixão que lhe matara a honra, e proseguiu:

— Oh! não sabes o que é um ciume devorador quando corroe e parte todas as fibras do coração?! Quizeste roubar-me Laura, a minha esposa, a minha irmã, desatinei, perdi-me, o carro está em caminho. Quem sabe onde parará? Quizera aniquilar a tua memoria na alma da mulher que amo, para que o esquecimento me desse se não o amor, ao menos a amizade d'esse anjo, que eu tenho de perder. Acredita, é-me impossivel triumphar da violencia d'este affecto. É destino, cumpra-se. Praticarei todas as infamias; mas heide possuil-a.

Eduardo, não podendo atinar como o mais elevado dos sentimentos do coração do homem arrojava a tanto delirio, bradava:

— Ah! salva essa mulher.

Fernando continuou:

— É ainda por salvar-te que Laura consente em ser minha; é unicamente por tua causa que em vez de uma esposa o destino me reserva uma victima.

— E teu pae? Perguntou Eduardo.

— Meu pae, meu pae!

E uma lagrima rolava pelo rosto do mesmo que o prendera; porém animando-se de repente, exclamou:

— Mas foi sorte! Era o meu protector, pedi-lhe de joelhos o cumprimento das suas promessas, não quiz... Executem-se as leis que nos prescrevem as nossas sinas. Se como eterna marca de desordem te não lançara aqui o acaso ou Deus, tudo correria placido e feliz, mas foi por ti que perdi a amizade d'um pae, a ternura d'uma esposa, que perdi ainda mais a honra e o socego d'alma que nunca mais terei.

— É o começo da justiça do Senhor, tornou Eduardo.

E dirigindo-se submisso ao que dispunha da sua vida, como dispozera da sua liberdade, acrescentou:

— Tens talvez razão, fui a causa, ainda que involuntaria, do soffrimento que já não é possivel conjurar. Mata-me; mas não faças desgraçada a pobre Laura; põe em liberdade minha mãe, não sejas sem piedade para o pobre velho que te serviu d'amparo.

E punha as mãos diante d'elle como querendo ajoelhar-se, exclamando:

— Salva a minha Laura que não pode amar a mais ninguém!

O rosto de Fernando tomou n'este instante todo o furor desesperado das paixões damnadas, e bradou:

— Ah! não quero! Abriram-me uma larga chaga no coração que ninguém será capaz de cicatrizar. Heide viver de crimes já que não posso viver d'amor. Paulino era um colosso que se entrepunha entre mim e a minha vingança, derrubal-o-hei para sempre. Tua mãe livre, tem nas suas mãos a vida do algoz de seu filho. Não poderá tornar ao sol nem ao dia. Laura em paga da sua indifferença, talvez do seu odio para comigo, terá sempre o meu amor, mas tambem a minha mão. Hoje mesmo será minha mulher; um padre a quem procurei, e a quem colloquei na posição ou de nos deixar viver no amor licencioso e condemnado, ou de vir debaixo do mais terrivel segredo casar-nos occultamente, acaba de chegar.

Fernando, apontando para a porta que deitava para a capella, e fazendo ver a Eduardo pelas grades do postigo o altar da Virgem, continuava:

— Ali ouvireis em poucas horas o juramento de Laura, que a liga na terra para sempre ao meu destino, e que para sempre vos separa.

— Fernando, Fernando! bradou Eduardo, em nome d'esse teu desgraçado amor, em nome do Filho da Virgem, poupa tanta desdita.

— É impossivel, disse tranquillamente o chefe.

Eduardo de pé e resolutos, perdendo toda a esperança de tocar o coração d'aquelle homem, tornou:

— Muito bem. Peço-te um ultimo favor, antes que chegue esse instante vergonhoso da tua vida, em que vaes comprar uma mulher que te detesta, mata-me, Fernando Rogero!

— Não!

— Peço-t'o, e rogarei a Deus que ella possa ainda vir a amar-te.

— Não é crível.

— Em nome de tua mãe!

Fernando estremeceu, mas exclamou de novo:

— Não!

Mas tornando de repente ao seu fallar arrebatado, proseguiu:

— Não vim aqui unicamente para te dar tormentos, quiz trazer-te a ventura tambem: a prohibição da entrada de Laura n'estes logares, cessou. Vaes vê-la!

— Vê-a? bradou o infeliz.

— É a derradeira despedida, quero ouvir as suas maldições, para ter força de arrastal-a depois ao altar.

— Não commettas novos crimes.

— É tarde.

A porta da prisão abriu-se, Laura appareceu no limiar.

Não era a mesma virgem viçosa que resplandecia de

innocencia, era a estatua do soffrimento que desenhara a dór.

— Eduardo! bradou ella caindo em seus braços.

Depois voltando-se para Fernando, encarou-o da altura immensa em que um anjo encara um reprobado, dizendo uma unica expressão:

— Infame!

Fernando estremeceu, levou a mão ao ferro que trazia na cintura, deixou pender os braços e disse baixinho:

— Qual será mais desgraçado?!

Continua.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

OLIVEIRO CROMWELL.

Aos 25 d'abril de 1599, em Huntingdon, nasceu Cromwell. Seu pae, Roberto Cromwell, possuía uma fabrica de cerveja, do producto da qual vivia commodamente, e sustentava uma numerosa familia.

Não queremos dizer com isto, que Cromwell pertencia á plebe; pelo contrario, devemos acreditar que era de nobreza antiga, por que mr. Villemain, na sua Historia de Cromwell, diz que «a nobreza da familia de Cromwell está assaz provada pelo titulo de parentesco que o ligava com o cavalheiro Hampden, e com o conde Warwick.» É certo porém que não dispunha de grandes recursos pecuniarios.

A educação de Cromwell foi esmerada. Aos quinze annos entrou na universidade de Cambridge, onde adquiriu, ainda que de má vontade, algum conhecimento da lingua latina. Depois, tendo fallecido seu pae, Oliveiro Cromwell voltou á terra natal, d'onde saiu para Londres, afim de ahí estudar jurisprudencia; porém longe de se applicar ao estudo, lançou-se na dissolução, commettendo as maiores loucuras.

Tendo augmentado a sua fortuna com umas seiscentas libras esterlinas, que herdou pela morte de um tio, casou com Isabel Bouchier, herdeira d'uma familia estimada no condado, e retirou-se em seguida para o campo, mudou de costumes, entrou na seita dos puritanos, e principiou uma vida simples e religiosa.

Em 1628, Cromwell foi eleito membro do terceiro parlamento, e ahí só se distinguio pelas invectivas contra os bispos de Winchester, Winton, e outros, cujo papismo era conhecido.

O parlamento foi dissolvido, e Cromwell, achando-se a Inglaterra em completo socego, assim politico como religioso, sob um governo absoluto mas moderado, determinou passar á America septentrional, o que não pôde conseguir porque um edicto do rei prohibiu estas emigrações.

Só a fatalidade poderia fazer com que Carlos I obrigasse a ficar em Inglaterra um homem que havia de levar-o ao cadafalso.

Tendo ficado em Inglaterra, foi eleito membro da camara dos communs no parlamento de 3 de maio de 1640. Este parlamento, porém, que era o quarto, foi dissolvido repentinamente; e o obscuro deputado appareceu de novo no *longo parlamento*, que foi a origem do seu poder, e que elle tinha de destruir.

A revolução, que principiava, escolhera os chefes. Cromwell foi iniciado em todos os segredos da facção, que mostrando aparentemente o desejo de só querer reprimir os abusos da autoridade do rei, tinha por fim verdadeiro o aniquilamento da monarchia.

Rebentou a guerra entre o monarcha e o parlamento. Cromwell obteve o commando de um regimento de cavallaria; e distinguio-se á frente d'elle pela sua habilitação e coragem. Depois foi nomeado logar-tenente do parlamento, e em pouco tempo se tornou a alma de tudo.

No decurso da guerra, Carlos I caiu em poder dos revoltosos, e foi por estes condemnado á morte.

Um parente de Oliveiro, que se achava ao serviço da Hollanda, veio a Inglaterra com o intento de salvar o rei. Perdido muito tempo primeiro que fallasse a Cromwell, quando o conseguiu tratou de lhe demonstrar a fealdade e negrura do crime, que se ia commetter, e fez-lhe ver que assim se desdizia das suas opiniões anteriores.

Cromwell objectou que eram outros os tempos, e que tendo elle (o protector ostentava um grande enthusiasmo religioso, fingido ou verdadeiro), orado e jejuado pelo rei, o ceo o não tinha attendido. Mas movido pelas palavras do seu parente, prometteu-lhe uma resposta decisiva. O coronel retirou-se.

Pela noite, Cromwell mandou dizer-lhe que havendo o conselho consultado o Senhor, resolvera que o rei fosse decapitado.

Desde a morte de Carlos I, a ambição de Cromwell foi illimitada.

O parlamento, ignorante e fanatico, a quem elle devia o poder, embaraçava-o algumas vezes; e por isso tratou, para chegar ao dominio absoluto, de transferir toda a autoridade para o exercito.

Em 1653 dissolveu a camara dos communs. Para isso, fez-se acompanhar a Westminster de algumas companhias de granadeiros, e deixando-as fora entrou só na sala. Por um momento ouviu a discussão; depois inter-

rompendo-a, começou vociferando injurias contra o parlamento.

Tendo um dos seus membros pretendido znostrar a illegalidade do acto, Cromwell exclamou: — Fora d'aqui, fora d'aqui! heide acabar com a vossa bacharellice; sois um instrumento indigno que o Senhor rejeita. Que entrem, que entrem.

A estas palavras, o coronel Wolsey appareceu á frente dos arcabuzeiros, que invadiram a sala.

Vane, um dos republicanos mais sinceros da camara, falla, exprobrando similhante procedimento. Cromwell, fora de si, exclama: — Vane, cavalheiro Henrique Vane, o Senhor me livre do cavalheiro Vane! Indicando alguns dos membros presentes, continuou: — Eis os bebados; eis os depravados, eis os christãos devassos, os homens injustos e corrompidos.

Dirigindo-se depois á multidão dos deputados, disse: — Vós é que me constrangestes a isto, porque eu tinha pedido ao Senhor que antes me desse a morte do que encarrregar-me da execução de similhante obra.

Saiu em ultimo logar, e mandou fechar as portas. No dia immediato achou-se escripto na porta da camara: *Casa para alugar, não mobilada.*

A 16 de dezembro de 1653 foi convocado um novo parlamento, que o declarou protector da republica d'Inglaterra, Escocia, e Irlanda; e foi proclamado em Whitehall, palacio dos reis d'Inglaterra, com toda a pompa.

Pondo de parte a illegalidade do poder de Oliveiro Cromwell, acharemos que a usurpação que praticou foi gloriosa. A mais prudente politica dirigiu os primeiros passos do seu governo.

Continua.

MONUMENTOS DA CAMPANHA NA CRIMEA.

Continuação.

Este rei do Ponto, illustre sem contradicção, mas illustre á guisa dos barbaros, manchado com o sangue de muitos da sua familia, meditando a grandiosa e arrojada empresa de uma expedição á Italia, não desdenhou o pequeno estado, que se formara na Crimea, e incluiu-o nas suas conquistas, aproveitando o primeiro ensejo. Os sarmatas, em nova invasão, submetteram as colonias gregas da Taurida a pagar-lhes tributo, e chegaram a ameaçar destruir a republica de Kherson e o pequeno reino do Bosphoro. Mithridates, chamado por estas cidades, entrou á frente de exercito numeroso, declarou-se protector ou por melhor dizer senhor das colonias gregas e apossou-se de toda a peninsula, onde fundou Eupatoria na costa occidental. Dezeseis annos desfructou a sua conquista; ao cabo d'este tempo, pelo annos sessenta antes de Christo, vendo-se despojado de seus proprios estados na Asia, vencido e abandonado, retirou-se a Panticapea, onde o seu espirito elevado medita apesar dos revezes, com o auxilio dos scythas, então seus alliados, a invasão e destruição do imperio romano. Para inspirar mais confiança áquelles barbaros e decidil-os a coadjuval-o em seus vastos projectos, toma a resolução de mandar suas filhas sob a guarda de alguns eunuchos e d'uma partida de soldados a procurar maridos e soccorros nos scythas. Porém, apenas saída de Panticapea a escolta, os soldados de ha muito dispostos á traição, rebellam-se, degolam os eunuchos e entregam as jovens princezas aos romanos. Ainda mais, um filho do monarcha deposto collocou-se á frente da rebellião, Pharnace ousou cercar seu pae no seu proprio palacio. Então o velho rei do Ponto, desamparado de todos, sem poder resistir aos rebeldes, e não querendo cair vivo nas mãos dos romanos, ordenou ao gaulês Bituito, que vigiava a sua pessoa, que lhe prestasse a espada para ao menos esquivar-se ao opprobrio do captiveiro; foi obedecido, e Roma viu-se afinal desembaraçada do mais importante e temeroso adversario que tivera depois de Annibal.

O infame Pharnace mandou a Pompeu o corpo mutilado de seu pae e pediu em premio do parricidio o reino do Ponto e do Bosphoro. Conta-se que o general romano á vista do cadaver d'aquelle homem illustre não pôde reter as lagrimas de pena e de indignação; talvez fosse presentimento de que Cesar, o seu victorioso rival, choraria tambem á vista da sua ensanguentada cabeça. Todavia, as lagrimas não impediram que ao parricida se concedessem os titulos de alliado e amigo do povo romano, bem como o reino do Bosphoro, sendo-lhe, comtudo, recusado o do Ponto. Depois da retirada de Pompeu, tentou recuperar os estados do pae na Asia, e obteve algumas vantagens, que foram de curta duração. Cesar, livre de cuidados mais importantes no Egypto, marcha contra Pharnace, combate-o e derrota-o completamente na breve campanha, de que o heroe deu conta nas tres palavras para sempre memoraveis: *Veni, vidi, vici*; cheguei, vi, venci.

O Chersoneso taurico a partir d'esta epoca pertenceu aos romanos que o fizeram governar por individuos como umas sombras de reis. Assim chegou a era christã; e logo no primeiro seculo os alanos encetaram para a Crimeia o longo periodo de invasões, que por quasi mil e quinhentos annos converteram a historia d'este paiz n'um doloroso martyrologio. Os alanos, povo nomada como os scythas, pode dizer-se que passavam a vida a cavallo e pernoitavam nos seus carros; atrevidos na guerra, encar-

niçados no saque, arrasaram Theodosia, exterminaram a maioria dos primitivos habitantes da peninsula, que ainda existiam depois de tantas e tão crueis vicissitudes, e impozeram longa e desastrosa escravidão a todo o territorio. D'ahi por diante seguem-se por muitos annos as alternadas incursões, e o dominio mais ou menos dilatado de povos estranhos, igualmente barbaros, que por toda a parte retalharam o decaido imperio romano.

Pelos annos de 1221 as nações de origem mongol, os tartaros e os mongoes propriamente ditos, receberam um grande movimento de impulso, dado por Gengiskhan; essas populações innumeraveis, que vagueavam com seus rebanhos nas charneças quasi sem limites, que se dilatam desde os confins da Siberia até ás fronteiras da China, reuniram-se á voz do famoso caudilho, que as convidava á partilha das riquezas amontoadas em Kiew e em Byzancio.

Continua.

M.

PRÉGADOR PORTUGUEZ CELEBRE EM PARIS NO SECULO XVII.

Todos estarão lembrados de que, ha pouco, uma missão quadragesimal do padre Ventura preocupou e maravilhou d'um modo singular a parte do mundo parisiense mais distincta pela piedade ou pelas letras. A imprensa franceza, segundo o seu costume, deu-se pressa em ser ecco intelligente d'esse successo. Era em verdade admiravel ver como a eloquencia italiana, que por si mesma se formulava em phrases francezas, arrastava a christandade de Paris, fallando a sua linguagem mais pura e mais brilhante, usando dos mais felizes, dos mais insinuantes e dos mais persuasivos contornos do seu estylo; constituindo-se emfim emula afortunada das vozes soberanas, que, desde annos, do alto d'aquelles pulpitos senhoreavam com o pensamento evangelico as almas absortas!

Entretanto este facto d'um prégador de eloquencia cosmopolita, que abdicava o seu idioma natural para fallar no recinto do templo estrangeiro, uma lingua que não era a sua; por mais novo que pareça, não é sem precedente na historia da predica parisiense. Em tempo de Henrique IV, e mesmo no de Luiz XIII, Paris foi testemunha de igual e mais curioso successo. Então não era um prégador quasi francez, nascido como o padre Ventura cerca das fronteiras de França, mas um vindo de muito mais longe. Ainda que a distancia do paiz d'onde vinha o não deixasse suppor, o franciscano portuguez que prendia as attentões publicas, fallava optimo francez, e o mais intelligivel para todos.

A universalidade da lingua franceza, desde fins do XVI seculo, melhor a provam factos d'estes, do que os tratados especiaes de Rivarol, Schwab, e Allou.

Se se deve dar credito a Le-Duchat n'uma nota sobre uma passagem das *Aventuras do barão de Foeneste Diogo* (ou Tiago?) Soares se chamava o nosso bom serafico. Mas como tinha elle apparecido em Paris?

Seguiria o aventureiro portuguez que por então estava n'uma hospedaria do bairro de São-Germano, onde se inculcava pelo verdadeiro D. Sebastião, escapo da batalha em que fora derrotado pelos moiros, e na qual todo o mundo suppunha que elle succumbira?

Faria parte do pequeno sequito do infeliz D. Antonio, prior do Crato, rei de poucos dias, desthronado pelo seu formidavel competidor o *Diabo do meio dia*, para depois de mil vicissitudes ir expirar em Paris n'uma obscura vivenda das immedições dos Celestinos?

Talvez a ultima supposição seja a mais verosimil. Alguns portuguezes fieis ao seu partido, e como o pobre principe fulminados pelas proscricções de Philippe II, tinham-se agrupado á roda de D. Antonio. Com elle formavam uma pequena colonia portugueza n'aquelle canto do Marais. Como elle viviam dos soccorros da França.

Juntar á lista dos portuguezes leaes ao prior do Crato, o nome do nosso prégador, não seria muito aventurar ainda que nada haja que prove directamente que elle fosse addicto á sua pessoa ou á sua causa. Quando porém se vê que, como o fiel Botelho, como o dominico Teixeira, o franciscano gosou do favor de Henrique IV, o mais constante protector de D. Antonio e de seus amigos; quando se sabe que, graças sem duvida a esse favor, chegou a ser feito doutor na Sorbonna; e, o que mais testemunha o seu credito, admittido a prégar muitas quaesmas diante da cõrte; mal se pode suppor que Henrique IV patrocinasse de tal modo um portuguez, que não tivesse servido a causa do seu velho protegido D. Antonio.

A apreciação dos sermões, que Diogo Soares prégou diante da cõrte (ainda que nos não reste nenhum d'elles) é tudo o que nos livros se conserva da memoria do religioso.

Já na quaresma de 1602 prégava em Paris com grande acceitação. Não havia mesmo que oppor á sua eloquencia senão a de dois outros prégadores o padre Cotton, e o padre Gontier. L'Estoille nas suas *Memorias*, sob a data de sexta feira 12 de março 1602, falla dos tres. Salvo o estylo, parece que ali se lê, como em jornal contemporaneo nosso, a apreciação comparada do exito dos padres Ventura, Lacordaire, e Ravignan. — «N'esta quaresma (diz L'Estoille) havia em Paris tres, que attrahiam toda a attentão da cidade, e eram designados pelos nomes de *orador*, *doutor*, e *prégador*. O *doutor* era o franciscano portuguez, que prégava em San-Paulo (e que se

achava ser doutor de mais em muitos pontos); o orador era o padre Cotton..... o prégador o padre Gontier, jesuita.»

Aqui se vê Diogo Soares prégando em San-Paulo. Em 1610 apparece em San-Nicolau-dos-Campos, depois em San-Jacques-la-Boucherie; e em San-Germano-l'Auxerrois; prégações nomadas, que não devem surprehender n'um prégador estrangeiro, e sobre tudo n'um frade.

É Malherbe, que na carta a Peirese, de 24 de março 1610, nos falla dos seus sermões em San-Nicolau-dos-Campos, a um dos quaes assistira o rei.

«A respeito de novidades, (escreve Malherbe) domingo ultimo foi o rei ouvir o portuguez em San-Nicolau-dos-Campos, onde chegou meia hora depois do sermão começado.»

Ignora-se se este meio-sermão fructificou muito no espirito de Henrique IV; pode mesmo duvidar-se d'isso, segundo o que Malherbe acrescenta, a respeito do entretenimento que o rei ahi entabou com a marquezia de Verneuil, e que, continuado até á noite, acabou pela renovação d'uma alliança rota havia dez mezes.

«Elle (rei) entreteve-se muito com a marquezia (diz Malherbe) e depois do sermão, ouviu com ella vespéras e completas, e á saída lhe deu uma entrevista em casa de sua mãe, onde um e outro foram. Foi isto a recompensa de a não ter visto depois de dez mezes. Não sei se este fogo, que é infeliz, se acenderá de novo, o que quasi fóra para desejar. Ella diz que é o papão do rei; e a sua explicação é que de ordinario se mette medo ás creanças com o papão, quando d'outro modo se não pode conseguir nada d'ellas; e que o rei faz o mesmo com ella; e quando quer fazer zangar todos os ameaça com ver a sua marquezia. Verneuil tem sempre palavras espirituosas!»

Se este nó desdado, se tornou a atar entre os dois velhos amantes, não durou muito, porque dois mezes depois da carta de Malherbe, o punhal de Ravailiac pedia contas á vida de Henrique IV.

Nas ceremonias funebres depois do assassinato do rei, torna a apparecer o prégador portuguez. L'Estoille diz que em 23 de maio, isto é nove dias depois da morte de Henrique IV, Diogo Soares fizera d'este successo objecto d'um sermão, sem temer dizer altamente que os jesuitas eram complices no crime: (*Journal de l'Estoille*, na colleção de Petitet, 1.^a serie, tomo XLIX, p. 20) audacia singular, que justifica bem o que Pedro du Moulin escreve no prefacio das *Agua de Silão* a respeito do nosso franciscano, que, segundo elle, era sem duvida um theologo sabio, e sobre tudo um prégador vehemente.

Diogo Soares não se limitou a uma só oração sobre o assassinato do rei. No mez de junho, no mesmo dia em que se depositava o corpo em San-Diniz, pronunciava um discurso funebre em San-Jacques-la-Boucherie. D'esta vez teve o exito ordinario. Malherbe mesmo, trata-o por



Oliveiro Cromwell.

tal respeito, com muita severidade, na carta a Peirese em 26 de junho 1610.

«Terça feira ultima (diz), tendo o padre portuguez convidado os grandes da corte seus amigos, para irem ouvir a sua oração funebre do fallecido rei em San-Jacques-la-Boucherie, perdeu a boa opinião que até então se fazia d'elle. No juizo de todos nunca fez outra peor. Assisti a ella, e de boa vontade subscrevo á voz do povo, porque é a voz de Deus.»

O que porventura impediu Diogo Soares de produzir n'essa occasião de funebre solemnidade o effeito ordinario, dominando como de costume a multidão, foi ser sobre tudo, prégador menos inclinado á gravidade, e da escola dos sermonarios do xv seculo Oliveiro Maillard, Menot, Barletti, etc. Não podendo a sua eloquencia remontar-se á altura do objecto sem deixar de ser familiar, caira na hyperbole.

D'Aubigné no livro IV, capitulo X, do seu *Barão de Foeneste*, tece um conto sobre as elevações em parte triviaes dos sermões de Diogo Soares, cuja eloquencia se resentia dos habitos da sua vida privada, e sobre tudo do seu amor ao jogo, que muitas vezes suspendia para subir ao pulpito, ainda excandecido por aquella paixão.

«Dar-vos-hei ainda, diz Enay a Foeneste... outras historias que são velhas e incertas: mas contar-vos-hei uma por cuja verdade respondo, e da qual foram testemunhas meus olhos e meus ouvidos: é a do franciscano portuguez, que jogando á primeira com o fallecido rei, e dois outros, se viu na necessidade de terminar depressa, porque já ouvia o sino de San-Germano-l'Auxerrois, onde devia ir prégar. Cartearo pela ultima vez e vindo-lhe dois reis de frente, lembrou-se que era dia da festa dos Magos, e por capricho se fez na metade, o que foi acceito por todos tres. Vindo-lhe ainda um rei no descarte, acabou o resto, dizendo «filho de... quem o não tirará!» Sendo tudo *topado*, no meio de grande gargalhada, lança os quatro reis sobre a mesa, mette na bolsa oitenta escudos, deita a correr para o pulpito, com os outros jogadores, e começa o sermão gritando: *Vivam os reis! Vivam os reis!* juntando a isto um grande discurso sobre a autoridade dos reis, onde allegou todas as passagens de S. Pedro e de S. Judas, em seu favor...»

É preciso confessar que esta peripecia é soffrivelmente burlesca, e caracteriza o genio do orador, e a sociedade em que vivia. D'essa tendencia pessoal e d'essa influencia ou tolerancia do tempo, nasceriam talvez certas aberrações no modo concionatorio do frade portuguez, que nem pela extravagancia d'ellas, era menos famigerado. Se se deve crer Le Duchat, o que conta D'Aubigné algumas paginas depois, tratando do modo como alguns oradores souberam despertar o seu auditorio adormecido, ao nosso Diogo Soares se referia. A este proposito Enay diz a Foeneste:

«Tal foi tambem a invenção d'um franciscano, que tendo levado uma pedra para o pulpito, fez menção de querer atirar com ella á cabeça d'um cabrão, e aproveitando da sua agitação, fez abaixar a cabeça de muitos, dizendo depois, *pensava que não havia senão um!* O riso despertou o auditorio.»

É preciso convir que hoje se vão encaminhando a entender a predica de modo mui diverso. O proprio D'Aubigné, demovido pela palavra austera e circumspecta de



Pescaria das perolas em Ceylão.

alguns dos prégadores modernos (inda mal que por ora tão poucos) diria d'elles, porventura com mais justiça que dos calvinistas seus irmãos na religião:

«Não, não se permitem taes gracejos aos nossos padres; até as allegorias, quanto o podem ser, lhes são defesas, para que, sem deslize, se circunscrevam ao seu texto.»

Entretanto a apreciação das liberdades de Diogo Soares, feita nas palavras que acabamos de citar, talvez fosse menos brado do que escrupulo e expressão da critica commum, do que effeito da paixão, e da ausencia do astro real e protector, que acabava de eclipsar-se.

O que depois foi feito do religioso portuguez, não o dizem as Memorias que d'aquelle tempo conhecemos.

Não devemos encerrar estes breves apontamentos, sem agradecer ao sr. Eduardo Fournier, escriptor sympathico para os portuguezes pelo amor que professa ás nossas coisas, as suas investigações sobre alguns pontos da nossa historia, com que, no assumpto de que acabamos de escrever, e n'outros, nos tem tão poderosamente auxiliado. JOSÉ DE TORRES.

KENSINGTON-GORE.

A galeria nacional de pinturas em Londres é rica de excellentes quadros, e sendo começada em 1824 não admira que na quantidade diste muito das afamadas colleções do Louvre e do Luxemburgo. A Academia real das artes possui obras primas em varios generos, está patente todos os dias, e faz na sobredita galeria uma exposição annual que se abre



Estatua de Pedro Grande.

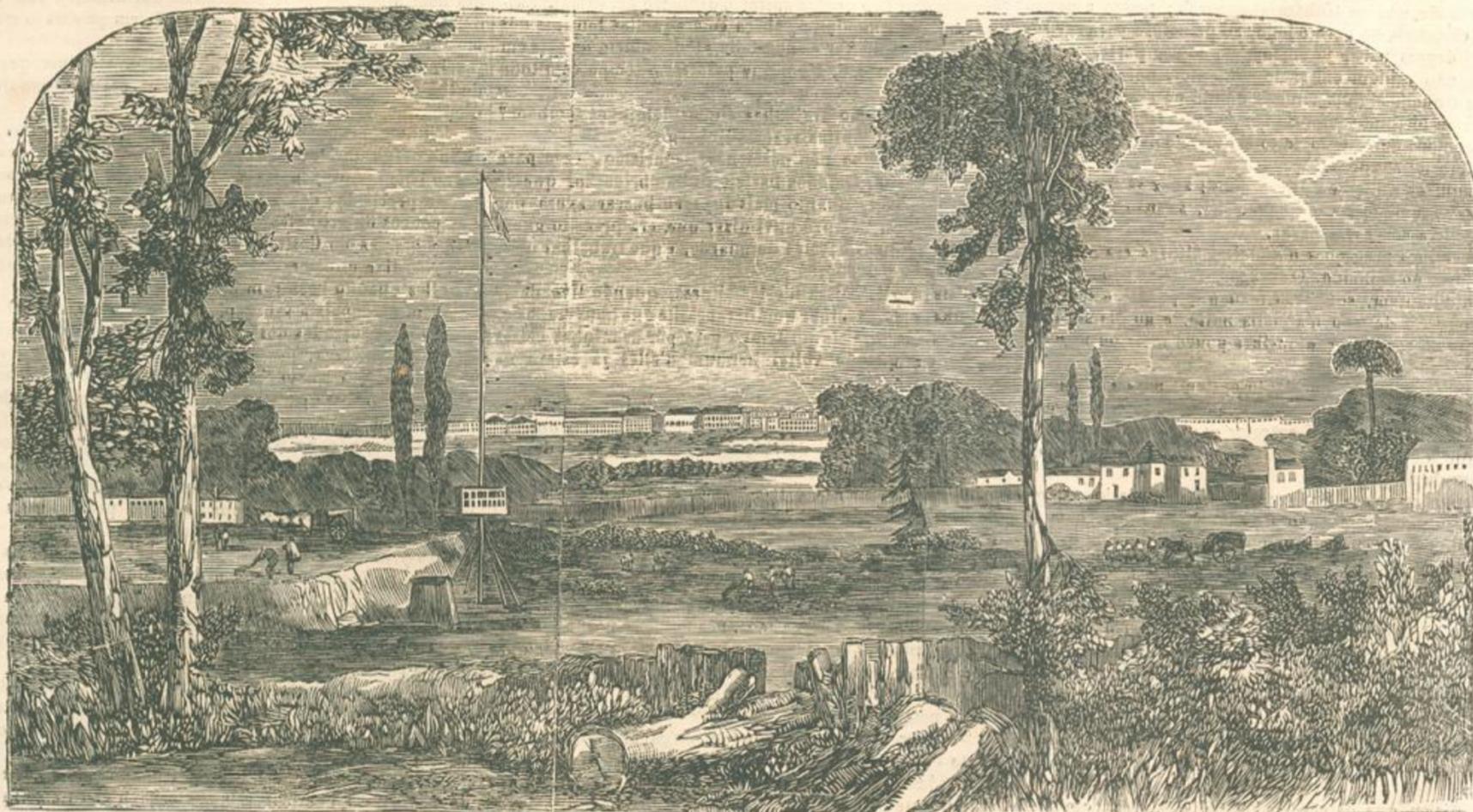
na primeira segunda-feira de maio e dura até ao mez de julho, comprehendendo objectos de pintura e escultura, modelos de architectura, medalhas, desenhos, gravuras, elevando-se ás vezes o numero a mil e quinhentos.

As sociedades dos alumnos e cultores de bellas-artes tambem possuem as colleções que vão formando; e de alguns de seus quadros mais modernos no gosto da escola ingleza, já n'este jornal se tem dado copias. As galerias particulares em Londres, que só com recommendação de pessoas notaveis se podem ver, teem paineis primorosos. Obra de uma igeia para o poente de Londres está o vasto parque e palacio real de Kensington-Gore, onde existe de ha muito uma celebrada colleção de pinturas; porém, agora ahi mesmo e na propriedade denominada Kensington-Gore, vae inaugurar-se em edificio proprio, e expressamente construido, a galeria nacional, no sitio que a nossa estampa representa,

M.

ESTATUA DE PEDRO GRANDE.

Tendo inserido no numero de sabbado passado um artigo descrevendo as estatuas equestres de Henrique IV de França, e de Pedro Grande da Russia, apresentamos hoje a gravura da d'este, o que não fizemos então por ter sido impossivel.



Kensington-Gore.

OS CONTOS DO TIO JOAQUIM.

Continuação.

IV

GUARDAR OS DOMINGOS E DIAS SANTOS.

Era n'um domingo de novembro. A agua tinha caído a cantaros todo o santo dia, e a chuva fôra tanta, que diziam pelos sitios: já os cães podiam beber em pé.

Grande parte dos trabalhadores tinha saído depois do jantar, embrulhados uns em mantas, outros em gabões e gabinardos em direcção á quinta do tio Joaquim de Mattos, acreditado pelo bom vinho que vendia, e pelos bons piteos que lá, de quando em quando, arranjava a senhora Josepha, sua respeitavel sobrinha, desenhovilhada moça e uma das mulheres com menos papas na lingua d'aquelles arredores.

De tempos a tempos apparecia pela adega do sr. Mattos, Deus lhe falle n'alma, pois era um honrado homem, um ensebado baralho, que cortava a monotonia de um sempiterno jogo de bola, e entretinha, quando o tempo estava de peor catadura, os afreguezados frequentadores. Outras vezes tambem um ou outro especulador lisboeta, arribava áquellas paragens com esperanças de armar trapaças e jogatinas, e esse então premunia-se antecipadamente com uns dados, de lizura problematica, ou com algumas cartas de egualdade controversa, que manejasdas habilmente lhe serviam de traiçoera isca para os agorentados vintens dos pobres maltezes.

Mas, verdade verdade, era uma excepção da regra. O dono da casa obstava quanto podia a estes desvios, e já experimentado nas consequencias tratava de pôr cobro a similhantes armadilhas.

O domingo, porém, a que nos referimos era um dos taes dias aziagos. Os lisboetas, as cartas, e os dados tinham trabalhado muito, acompanhados já se vê de um numero infinito de quartilhos de vinho, que n'uma roda viva passavam do balcão para a mesa de jogo, e d'esta para o poder da tia Josepha, que já não tinha mãos a medir.

Em medidas effectivamente passara ella o tempo todo; mas nem todas eguaes, porque, por amor do proximo já se entende, quando os via mais carregados alliviava-lhes a mão, e esvasiava-lhes os copos; até que por fim de contas, quasi que, em vista da exiguidade da dose, mal se poderia reconhecer quanto tinham pedido.

Mas decretos da Providencia, que sempre são d'immenso alcance, disfarçados mesmo nas tranquibernas da tia Josepha! Se não se compadecesse tanto dos miseros, em que estado não ficariam elles, que mesmo assim, quasi sempre ao sair não sabiam quem era o cura da sua freguezia!

Os nossos amigos trabalhadores, que não queriam passar por homens de ficar atraz em coisas d'aquellas, entraram na quinta, á volta da adega do tio Mattos, que era uma lastima vel-os. Uns a cair, outros cheios de escalavradellas, e todos elles sem real da feria da semana.

Começaram bebericando para não fazer desfeita aos lá da cidade que os tinham convidado; pouco a pouco foram chegando-se para o jogo, ao principio para ver sómente, depois para, já ensinados, tomar parte. Emfim quando não cabiam em si de contentes, porque iam de cima e tinham alguns vintens diante de si, viram n'um relance de fortuna varrer-se-lhe tudo da frente, á maneira de comoro de vallado feito de terra solta, e que uma cheia leva no enxuro.

D'aquí os ralhos e as desordens; apoz as descomposturas as vias de facto, e quem sabe, se não lhe acudissem, onde a coisa iria parar.

Fazer-lhes prégações n'aquellas alturas era o mesmo que chover no molhado. O tio Joaquim, que não era d'honje nem d'hontem, conheceu logo que perdia o seu tempo; deu-lhes de mão n'aquella noite, e no dia seguinte ás horas do costume contou-lhes pouco mais ou menos o que se segue:

Poucas coisas ha que tanto custem, para nós que toda a semana andamos agarrados ao rabo da enxada ou á rabiça do arado, como é entreter os domingos e dias santos, que o Senhor nos manda para descanso do corpo e recobro de forças.

Depois da missa fica um por ahí além de horas, que é preciso matar sem quebra do temor de Deus, nem offensa do proximo; mas como nem todos sabem o que hão-de fazer, acontece quasi sempre, que as perdem, e muito mal.

As velhas onzeneiras, que almejam pelos domingos para bisbilhotearem as vidas alheias e darem cresta ás colméas dos outros, dizem que se deve descansar do trabalho, e passam-n'os na ociosidade, que de todos os vicios é o peor; os mal comportados destinam-n'os para as tabernas, do que conseguem, além de ficarem moidos e ralados, sem poderem fazer obra que se veja nos dias mais proximos, embrutecerem-se de todo ao cabo de pouco tempo.

E dizem que descansam! Qual descanso nem meio descanso! Como se o homem não fosse como a terra, e como esta precisasse estar em pouzio para melhor produzir!

Muda-se a sementeira como se deve variar o trabalho, e o melhor descanso não é aquelle que consiste em não fazer nada; ou então, o que é peor ainda, em armar disturbios e levantar rixas.

Tres rapazes conheci eu, não ha muitos annos, cada um dos quaes tinha o seu modo particular de entreter os dias de festa, cada um dos quaes tambem escolheu fructos correspondentes ao grão que lançara á terra.

Variavam tanto nos costumes e systemas, como se estremavam nas feições, e como se vieram a differencar tambem no destino que levaram.

Tinham nascido na mesma terra, e, bem moços ainda, tinham vindo procurar trabalho á mesma fazenda, porque acostumados a viver juntos desde pequenos, não se podiam separar, nem á mão de Deus Padre.

Roberto, o mais velho de todos, era feio de cara e de peor catadura. Zangava-se por dez reis de coisa nenhuma, e quando estava zangado dava por paus e por pedras. Tinha tanto de robusto, como de mau, e só respeitava, de toda a gente, os seus dois companheiros Pedro e Anastacio. O primeiro d'estes fazia tanta differença de Roberto como o dia da noite. Franzino e delgado parecia que o menor assopro o deitava a terra e lembrava mais um alfinete de tocar do que um trabalhador de enxada. Comedido e de bons termos para todos, em pouco tempo ficou sendo o rei Jesus da fazenda onde morriam por elle.

Anastacio, o ultimo em que lhes fallei, era, por assim dizer, como uma ponte entre os dois. Fazia lembrar o outono entre o verão e o inverno. Se era desembaraçado e lesto como Roberto, era bom como Pedro, estimava um e outro devéras; mas se não podia levar a bem os arremecos e maus modos de Roberto, não gostava tambem muito do tanto de não presta, de que estava cheio o outro seu parceiro. Não lh'o deitava á cara para não o envergonhar; mas muitas vezes lhe ouvi dizer:

— Não se hade fazer nunca d'ali coisa que tenha geito, parece um Sant'Antoninho onde te porei; nasceu mais para fiar n'uma roca do que para puxar o trabalho com substancia. Não é culpa sua, isso é verdade, mas por mais que me digam aquillo foi erro da natureza.

Em pouco tempo teve cada um uma occupação adequada ás suas posses. Pedro, que mais não podia, foi encarregado de guardar um rebanho de ovelhas e cabras, que tinha mais de duzentas cabeças de gado; Roberto tomou conta da abegoaria e das cocheiras; Anastacio ficou no rancho da malta entre os trabalhadores de enxada.

Como é bem de ver o peor dos tres começou a fazer das suas; trabalhava de má vontade, embebedava-se sempre que podia e tratava do gado á moda de mil diabos.

O mais fraquito bem ao contrario começou a fazer as vontades aos patrões e a cair-lhe em graça.

Tanto fez, tanto fez, que o filho da casa começou a ensinar-lhe a ler, coisa porque elle morria havia muito tempo, e em que entretinha os domingos, passando os dias da semana emquanto o gado pastava, a estudar as lições e a puxar por si; e Anastacio, que não podia aturar a lettra redonda, nem, segundo dizia, tinha cabeça para aprender, começou a fazer economias para, logo que podesse, tratar de casar com uma rapariga da sua terra e com quem estava ajustado desde pequeno.

Emquanto uns iam para as tabernas e Pedro dava lição, elle que não queria gastar o dinheiro em extravagancias, nem atormentar a cabeça com aquellas tontices dos livros, procurou ver se aprendia algum officio ou arte em que se entretivesse, e em que passasse o tempo com toda a economia.

— Porque não trabalhas tu aos domingos tambem? perguntava eu muitas vezes a Roberto.

— Ora porque não nasci para sachristão, nem para besta de carga. Enfados bastam os da obrigação, que já não são poucos, quanto mais il-os eu buscar agora por minhas mãos. Sempre ouvi dizer que era preceito guardar os domingos e festas de guarda, e que trabalhar n'estes dias era peccado.

Estavam as coisas n'estas alturas, quando tive de ir á minha terra, recolher uma herançasita que houvera, e demorar-me por lá algum tempo para pôr as minhas coisas a direito; quando voltei nenhum d'elles já estava na quinta.

Seis annos depois em dia de festa do Corpo de Deus, fui a Lisboa ver a procissão e visitar de caminho uns parentes, que lá tinha. Já lá estão na terra da verdade, pobre gente, Deus os tenha á sua vista.

Passava pela rua dos Bacalhoeiros, quando ouvi que de uma tenda me chamavam pelo meu nome. Vejam qual não seria a minha admiração, quando dei com duas caras conhecidas, que me faziam muita festa, e que não eram nem mais nem menos do que os nossos amigos Pedro e Anastacio.

Nem pareciam os mesmos, nos termos e nos trajas lembravam pessoas da cidade, mas no coração eram sempre os pobres e bons trabalhadores.

— Ora o tio Joaquim por estes sitios, me disseram, e sem nos conhecer!

— É verdade, rapazes, quem era capaz de pensar, que havia agora de vir topar com vocês, assim tão enfeitados e garridos. Com mil demonios, se me não chamassem não era eu que os descobria.

— Mas nós não esquecemos os amigos velhos, e logo que o vimos, não quizemos passar sem lhe darmos um abraço.

— Bem apertado e do coração. Mas pelo que vejo a fortuna fez das suas, e lembrou-se de vocês.

— É como diz; alguma felicidade tivemos. Mas não hade ficar á porta da rua, entra e vem conversar um pouquinho conosco, não é assim?

Assim fiz, e pelo que me contaram vim a saber o que lhe tinha acontecido, e que foi o seguinte:

Cada um d'elles tinha seguido o seu modo de vida, conforme se ageitava melhor. Pedro estudando nos livros, Anastacio trabalhando nas horas de descanso para juntar algum dinheiro.

Metteu-se-lhe na cabeça aprender um officio, e a troco de alguns serviços feitos ao mestre Antunes tanoeiro, alcançou que lhe ensinasse o seu modo de vida, em que com a vontade que tinha conseguiu ser um bom official.

Já avesava um par de vintens, quando se descobriu essas terras lá da California, onde segundo diziam os papéis, havia mais oiro em pó do que milho em colleiro rico em anno de fartura.

Os homens de ganhar começaram a mudar de rumo e a procurar fortuna por essas terras. Desinquietaaram-no, mas elle desprezando o ditado: muda de terra, mudarás de fortuna, como se ia dando bem por onde estava, resolveu-se a ficar.

Ora, não sei se sabem, que apesar de haver dinheiro a rodo pela tal California, não havia de comer, nem de beber, e qualquer coisa que por lá se precisava era comprada a peso de oiro. Fazia frio de cair o nariz, a aguardente e o figo, era de mais a mim, mais a mim, e os tanoeiros por conseguinte não tinham occasião de dobrar a canella.

Anastacio que já sabia do officio ás direitas, deitou-se á obra, empatou em madeiras os pintos, que juntara, e conseguiu montar uma tanoaria em grande, que em pouco tempo se afreguesou e acreditou pelos bons modos do dono, e bom preço das obras.

Quando o encontrei em Lisboa, acabava de casar com a prometida desposada, que trouxera da terra. A sua loja que era uma das melhores da cidade, gosava de excellentes creditos, e o negocio corria-lhe o melhor possivel.

Pedro tambem tinha melhorado e muito, mas por estrada diversa. Pouco a pouco fôra lendo cada vez melhor, e escrevendo de forma que levava as lampadas ao mestre escola do logar.

O dono da quinta, que lhe caíra em graça o rapaz, pelos seus termos comedidos e vontade de saber, tirou-o d'aquelle labutar e mandou-o para uma mercearia sua em Lisboa a servir de caixeiro. Era o que elle queria e em que melhor calhava, e tanto que em pouco tempo se fez um marceiro de mão cheia.

O patrão trazia-o nas palminhas, e dizia á bocca cheia que não tivera nunca outro, que lhe enchesse tanto as medidas.

Nem só o sr. José Esteves, era d'esta opinião, a senhora sua filha, que se derretia para o rapasito, achava ao pae carradas de razão e fazia-se com terra de lhe chamar seu marido. Atrêver-se a pedil-a, não era o Pedro capaz d'isso; mas o pae da rapariga, que deu fé da ferida, e que não era de soberbas, antes pelo contrario muito dado e maneiro, reconheceu, que lhe convinha para genro um bom rapaz socegado e amigo de dar ordem á sua vida, e em poucos tempos tratou de pôr em pratica o setimo sacramento.

Tambem estava por conseguinte muito em cima, quando lhe fallei, e a loja onde estavamos era do sogro, ou d'elle, que vinha a dar na mesma coisa.

Tinham acabado de me contar as suas historias, e ia-lhe perguntar, que norte tinha tomado Roberto, quando ao chegarmos á porta para ver a gente, que passava para a procissão; desembocavam de uma d'aquellas ruas uns poucos de grilhetas, que de barril ás costas, desciam lá das bandas do Castello e iam para o chafariz de dentro. Não tive que perguntar, porque reconheci-o logo entre elles quando passaram diante da porta.

Vim ao depois a saber porque fôra ali parar. O vinho, e as patuscadas dos domingos, tinham sido a causa d'aquella desgraça.

Não deitava Nosso Senhor um dia santo a esta terra que elle não fosse para a taberna, e que não saísse de lá a não ser em miseravel estado. Em breve pozeram-no fora do trabalho, porque não dava conta de si, nem se podia olhar para elle de desmascelado, que andava. Vendo-se sem trabalho, e sem ninguem o querer, ajuntou-se a uns poucos de vadios da terra, que passavam pelas peiores firmas do logar.

Ao principio eram comesainas, e bebedices, depois como não havia dinheiro, nem gente que lhes fiasse, nem vontade de trabalhar, começaram a pregar calotes, a fazer roubos, e quem sabe se a commetter mortes tambem.

Ao menos assim por lá se rosnavam, e bem sabem que n'estas coisas, voz do povo, é voz de Deus.

Um dia a justiça, que andava com os olhos n'elles, deitou-lhes a unha. Um dos que resistiu foi Roberto, e ao fugir á prisão, feriu de morte um dos cabos, que o queria prender.

A paga que teve, foi ser condemnado ás galés por toda a vida, e a cumprir esta sentença o vi eu em Lisboa no tal dia da festa do Corpo de Deus.

Agora vocês lá rapazes, que perceberam aonde eu ia dar na minha, pensem nas historias que lhes contei, e

vejam de que modo deverão guardar melhor os domingos e dias santos.

Os bons dos maltezes não deram a resposta ao narrador n'essa occasião; porém os resultados futuros deixaram ver, que os contos do tio Joaquim, não tinham sido palavras deitadas ao vento.

R. PAGANINO.

LITTERATURA DRAMATICA.

O SAPATEIRO DE ESCADA.

Continuação.

SCENA XIV.

ANGELICA E JULIO (*Em cima*) O SAPATEIRO (*Em baixo*) JOSEFA (*Apparece depois á janella.*)

ANGELICA.

(*Entre-abrindo a porta*) Ande nas pontinhas dos pés, olhe não acorde a mamã. Ora diga-me: isto é para o bom sentido? Posso-me fiar no senhor, ou é um passatempo?

JULIO.

Juro-lhe pela minha salvação...

ANGELICA.

Jesus! Não jure em vão que é peccado. (*Muda de tom*) Como eu não me posso demorar aqui muito tempo na escada, por isso faço de uma vez todas as perguntas (*Fallando precipitadamente*) Gosta, ou não gosta de mim? Quer, ou não quer casar comigo? Cumpre, ou não cumpre a sua palavra?

(*N'isto, o sapateiro vai dentro ao cubiculo buscar o registro e a maçaroca de que fallou a Josefa.*)

JULIO.

Se gosto não se pergunta. Basta dizer-lhe que é a minha primeira inclinação. Em quanto a casar, juro-lhe por tudo quanto ha de sagrado...

ANGELICA.

Outra vez a jurar sem necessidade!

SAPATEIRO.

(*De baixo*) Dava alguma coisa para estar a cocar o que elles dizem. O melro hade-se ter esfarrapado com finezas!

JULIO.

Em quanto á minha palavra, isso é questão de tempo, e só o tempo...

ANGELICA.

Agora não vá o senhor fazer má idéa de mim por ter consentido n'esta entrevista. Nós, as mulheres, quando chegamos a gostar de um homem...

JULIO.

Ora não pense n'isso que até me offende!

JOSEFA.

(*Abre a janella e tosse.*) Hum... hum...

SAPATEIRO.

Lá está a outra com o pigarro! (*Vem á porta.*) Tome cuidado com essa tosse, visinha; olhe que isso dá constipações despresadas...

JOSEFA.

Não é nada. Isto foi de umas azeitonas que eu hontem comi. (*Mette-se um pouco para dentro de casa, e torna a apparecer.*) Ou é engano meu, ou sinto passos na escada.

SAPATEIRO.

Isso hão de ser os ratos no forro. A casa está que é um pardecio! Pedir as rendas adiantadas sabe o senhorio, mas concertal-a...

JOSEFA.

Não se esqueça da promessa, ouviu?

SAPATEIRO.

(*Mostrando o registro e a maçaroca.*) Tenho quarenta annos, e já me não lembro quando mentisse!

JOSEFA.

Só quarenta!

SAPATEIRO.

Ainda os heide fazer para o S. Silvestre.

JOSEFA.

Voltando á nossa conversa. O senhor Anacleto andou aqui ha annos desarranjado da bola, por causa de um sobrinho que fez coisinhas de cabeça abi por Lisboa; e eu estou desconfiada que elle ainda hoje pelas luas... (*Indica a cabeça.*)

SAPATEIRO.

O olhar parado tem elle. E depois é dos que falla só comsigo; e tambem não é bom signal a aquella que elle tem com os cães pretos, et cætera, et cætera.

JOSEFA.

Em o senhor José Pardal um dia estando de pachorra, hade-me ler todos os meus papeis, para eu estar precatada para o que der, e vier.

SAPATEIRO.

Elles, são de importancia?

JOSEFA.

Olhe; é a minha certidão de baptismo, por onde se prova que fui nascida e baptisada na freguezia de Santos-o-Velho, sendo Nossa Senhora madrinha, e o sachristão padrinho. São todos os meus bilhetes da desobriga, e mais os recibos das coisas que o senhor Anacleto tem comprado em meu nome.

SAPATEIRO.

Não perca você esses papelinhos, que com elles é que se hade achar.

SCENA XV.

OS MESMOS E ENGRACIA.

ANGELICA.

Jesus! que lá acordou a mamã! Safe-se, safe-se por quem é.

JULIO.

Não posso que vem descendo gente de cima. O melhor é fechar a porta. (*Fecha a porta.*)

ENGRACIA.

Ó Angelica, Angelica! Que estavas tu fazendo no patamar da escada, Angelica?

ANGELICA.

(*Atrapalhada*) Eu... mamã... estava...

ENGRACIA.

Estavas o que? Responde.

ANGELICA.

É que eu tinha chamado o homem das agulhas e alfinetes, para comprar umas meadinhas de algodão para as minhas marcas.

ENGRACIA.

Ora mette-me o dedo na bocca a ver se te mordo!

JOSEFA.

Não. Agora é que me não engano. Sinto pés de homem na escada (*Mette-se para dentro.*)

SAPATEIRO.

(*Recolhendo-se*) Lá vae tudo quanto Martha fiou!

JOSEFA.

(*Abre a porta da escada, e dá de cara com Jullio*) Apite, mestre, que temos ladrões na escada! Este Inomem é capaz de me enganar!

ENGRACIA.

Anda, Angelica, dá volta á chave, e tira-te d'ahi.

SAPATEIRO.

(*Já no patamar de cima*) Cale-se, sóra Josefa.. Não faça motim, que o negocio é aqui para a ilharga.

JOSEFA.

Por isso mesmo. Então a santa tem devotos e não quer ladainhas?

JULIO.

Por quem é não comprometta a pobre menina; ella não tem culpa dos maus modos da mãe.

JOSEFA.

Se é para a pequena, isso muda de figura. Já aqui não está quem fallou.

ENGRACIA.

(*Abrindo a janella*) Ainda que eu apanhe umas sezões, não me tiro da janella sem ter visto a cara ao meco.

JULIO.

(*Espreitando pela fechadura*) Agora não posso sair; estou perdido. A velha poz-se á janella! Livre-me d'este apuro, mestre, que eu prometto ser-lhe agradecido.

SAPATEIRO.

Como havemos nós fazer isto, sóra Josefa?

JOSEFA.

Como? Presa por mil, presa por mil e quinhentos. De mais, eu não tenho que dar contas da minha vida a ninguem. Entre para aqui. (*Mette-o para dentro de casa.*)

JULIO.

Então em eu podendo sair avisa-me, sim? (*Canta*)

Muito soffre quem adora,
Muito padece quem ama;
As vezes só pela fama,
Como estou soffrendo agora!

(*Entra para casa, e o sapateiro desce a escada.*)

JOSEFA.

Pois agora o meu regalo,
Cá a minha vontadinha,
Era fazer que a visinha
Visse os orphãos a cavallo!

(*Declama*) Mas como a pobre rapariga nunca me fez mal, e não tem culpa das asneiras da mãe, devo ser generosa.

SAPATEIRO.

(*Em baixo; canta:*)

Se o patrão chega de fora,
E se vê calções em casa,
Os visinhos põe á rasa,
E a Josefa manda embora!

JOSEFA.

(*Vem fechar a janella, e dá com Engracia*) Está melhor, visinha? (*Engracia vira-lhe as costas, com muito mau modo*) Olhe que o fallar não custa dinheiro, ouviu? O rei, que é o rei, tira o chapeo quando o comprimentam.

ENGRACIA.

(*Enfadada*) Os anjos lhe respondam, que os seraphins foram á carqueja! (*Josefa fecha a janella.*)
Continua.

PHAROL DO CABO CARVOEIRO.

O pharol do Cabo Carvoeiro, junto a Peniche, foi edificado em 1794, em substituição d'outro de madeira provisório, que tinha sido construido em 1786, para obstar aos continuos naufragios que ali succediam.

O pharol, que a estampa representa, tem d'altura, acima do nivel do mar, duzentos setenta e oito palmos. Até 1843 foi de luz fixa; sendo por esse tempo mudado para luz de rotação.

Conhecida a conveniencia de ser de luz fixa, em consequencia de repetidas vezes o tomarem os navegantes pelo das Berlengas, que tambem é de rotação, é de suppor que, se ainda se não fez a mudança, não tarde a operar-se.

Collocado em uma util posição, de construcção simples, e de luz de grande alcance, tem prestado immensos serviços aos navegantes.

A lanterna é cercada por uma varanda, onde se chega subindo uma escada de cento e dois degraus. D'ahi gosa-se a vista do mais soberbo panorama.



À MEMORIA DA SENHORA D. MARIA II.

Pagamos n'este dia um justo tributo de saudade Àquella que Deus chamou á sua presença.

Completam-se tres annos desde que a Rainha — cujo diadema foi sempre o astro da esperanza dos subditos — cujo nome foi a invocação nos infortunios do exilio, e nos horrores da peleja — cuja bandeira foi o emblema da liberdade — adormeceu para o mundo, e foi acordar na Eternidade!

N'esses tres annos decorridos, de dia a dia tem avultado a boa memoria das suas virtudes, e são estas de uma recordação tão perenne e tão saudosa, que n'este lutuoso anniversario, os rostos se velam d'essa dôr profunda que traz sua origem dos corações patriotas.

No templo do Deus vivo — no santuario da paz e da verdade — erguem-se as orações pelo eterno descanso da que foi Rainha.

Ajoelhados ahí, prostrados ante os altares, vamos todos que fomos subditos dar-lhe os sinceros sufragios da piedade christã.



INDUSTRIA.

O mundo industrial tem ouvido com grande interesse os dados relativos ao descobrimento recente de um systema de fundição e purificação de ferro, pelo qual meio se executam no mais alto grau de perfeição estas operações com a sexta parte do tempo que até agora se empregava nas mesmas. Todos estão d'accordo em que este novo processo promette uma completa revolução n'aquelle importante ramo de manufactura. Todo elle consiste na introdução de uma corrente de ar quente na primeira fundição, do que resulta completa desappareição de qualquer corpo estranho.

Eis aqui para os fundidores de ferro, ferreiros, etc., a receita d'um excellente verniz para preservar os seus artefactos de toda a fuligem, dando-lhes um aspecto simultaneamente bonito e brilhante.

A quente-se em uma caldeira de ferro ou em uma panela grande quatro libras de oleo de resina, para depois dissolver n'elle meia libra de asfalto, mexendo-o constantemente, e meia libra de colofonia.

É preciso que a mistura se faça com a maior precaução, para que o oleo não tome fogo. Logo que o liquido, assim preparado, tenha esfriado, deitar-se-ha em uma garrafa, para servir depois ao objecto proposto.

PESCARIA DAS PEROLAS EM CEYLÃO.

Ceylão é uma ilha que fica ao sul do Indostão, separada do cabo Comorim por um estreito de cincoenta leguas de largura. O paiz é montanhoso, mas feracissimo, e abunda em especiarias. Em 1814 os inglezes, que succederam na posse da ilha aos hollandezes, fizeram-se senhores de toda ella, aprisionando o rei de Candy, e mandando-o para Madrastra.

A pescaria das perolas faz-se nas costas de Ceylão. A respeito d'ella ha opiniões mal fundadas, para destruir as quaes extrahiremos da obra do conde de Noe, que foi emigrado, e esteve na India ao serviço britânico, a noticia do processo que se emprega para a executar.

As ostras das perolas acham-se em bancos mais ou menos profundos no mar.

Em abril é o tempo proprio para se começar a pesca, porque então está o mar em calmaria n'aquellas paragens.

Dado o signal, que é um tiro de peça, faz-se de vela uma immensidade de barcos, que fundeiam nas paragens arrematadas pelos respectivos proprietarios, e começa o trabalho da pesca.

Cada um d'estes barcos leva capitão, piloto, e vinte homens de companhia, dez dos quaes são mergulhadores.

Estes levam preso a um cabo um cabaz, e a outra ponta da corda é sustentada no barco; tambem levam uma grande faca que serve para despegar as ostras, ou de defesa contra algum tubarão. Apanham n'as com grande

promptidão, e apenas o cabaz está cheio, sobem com incrível presteza.

A pescaria dura até ás dez horas da manhã, pouco mais ou menos, porque é quando começa a soprar a brisa do mar. Outro tiro de peça, dado por um navio do governo, é o signal para acabar.

Continua.

CHRONICA SEMANAL.

— A febre da semana foi eleitoral. Nada temos com os trabalhos preparatorios, e o acto eleitoral: temos, porém; tudo com o seu resultado, porque os nomes dos representantes da nação, devem ser conhecidos de todos. N'esta conformidade, publicamos os nomes que parece terem saído nos circulos eleitoraes de Lisboa.

Antonio José Pereira Serzedello.

Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

Antonio Rodrigues Sampaio.

José Estevão Coelho de Magalhães.

José Maria do Casal Ribeiro.

José Jorge Loureiro.

José Ferreira Pinto Bastos.

Alberto Antonio de Moraes Carvalho.

Manuel Antonio Vellez Caldeira Castello Branco.

Antonio de Mello Brayner.

Antonio Cabral de Sá Nogueira.

— Diz-se que a Russia, a França e a Prussia estão perfeitamente de accordo nas questões mais importantes que actualmente se agitam na Europa.

— Fallando dos olhos, disse um ratão de bom gosto: « O homem que vae pela rua olhando para o ar, ou é um poeta, ou um papa-moscas. »

— Durante as festas da coroação em Moscow a celebre bailarina Cerrito, entrou no baile a *Filha do ar*. Succedeu quebrar-se o machinismo em que dançava, e caindo, salvou-se com algumas contusões, sendo promptemente soccorrida.

— O valor dos objectos que constituíram a exposição universal de Paris foi na somma de 10.511,727,480 réis.

— O principe Danilo recebeu participação do consul russo, de que a Russia e a França tomavam o paiz do Montenegro sob a sua protecção.

— No dia 3 do corrente despacharam-se no Porto, para exportar, cento e sessenta duas pipas, dezoito almedes, e uma canada de vinho, para Inglaterra e Brazil.

— Anacleto da Silva, que era da freguezia de Pradilhão, segundo affirmam os nossos jornaes da provincia, foi morto a tiro por Manuel da Silva Valente, que é da freguezia das Feixoeiras.

— Um estalajadeiro de Malta possui um gallo que tem quatro pernas, duas caudas, e é hermaphrodita; põe ovos ordinarios como as gallinhas, luta com os cães e faz sentinella todas as noites á porta do quarto do seu dono, que já recusou mil e quatrocentos francos que lhe offereceram por elle.

— Os olhos d'uma mulher — na opinião de certo autor — tão depressa são o sol como a tempestade.

— Abd-el-Kader, o celebre caudilho d'Argel, achase actualmente em Damasco.

— A fome ameaça todas as provincias de Hespanha, e o governo e as autoridades hespanholas occupam-se activamente dos meios de a conjurar.

— A companhia franceza representou terça feira, no theatro de D. Maria II a comedia em cinco actos, *Lady Tartuffe*, original de madame Emile de Girardin.

— A esquadra ingleza que estava no Bosphoro e no mar Negro, acaba de ser reforçada.

— O sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, foi nomeado conselheiro effectivo do conselho ultramarino.

— Falleceu no sabbado, 8 do corrente, o sr. dr. Antonio José de Lima Leitão, facultativo distincto, escriptor de merito e erudição, e por vezes deputado ás côrtes.

— Annuncia-se em Vianna do Castello a appareição de um novo jornal, com o titulo de *Sillographo*.

— O ex^{mo} arcebispo primaz de Braga acaba de chegar áquella cidade.

— A alfandega do Porto rendeu no mez passado réis 147:821\$782.

— O vapor *Duque do Porto* importou para o banco commercial d'aquella cidade, em prata de novo cunho, 12:602\$000 réis.

— Do Porto para a Parahiba devia sair no dia 16 do corrente o novo brigue, intitulado *Parahibano*, construido n'aquelles estaleiros pelo sr. Vareta.

— O partido democratico dos Estados Unidos ganhou maioria nas eleições da Florida.

— Venderam-se por cinco milhões de dollars quatro mil lotes de terras pertencentes ao clero do Mexico.

— No Porto tem sido tamanha a abundancia de sardinha, que se chega a vender a 20 rs. o cento.

— A contralto Vielti, e o distincto actor Taborda chegaram ao Porto, e vão dar algumas representações nos theatros lyrico e nacional d'aquella cidade.

— A data das ultimas noticias tinha havido desordens nos suburbios de Jerusalem.

— Em Broussa houve um novo tremor de terra, mas não causou damno.

— A experiencia da illuminação electrica feita em

Paris deu em resultado allumiarem só quatro luzes mais do que quatrocentos lampiões de gaz.

— Acha-se estabelecida uma nova diligencia entre o Porto e Vianna do Castello. Sae da primeira cidade nas terças, quintas e sabbados; e da segunda, parte nas segundas, quartas e sextas. Preço: cada pessoa tres mil rs.

— Descobriu-se um grande contrabando na alfandega do Porto, introduzido n'uma caixa de porcelana. Consistia em chales, cortes de vestidos, sedas, e outros objectos.

— Chegou a Napoles uma fragata franceza, e os seus officiaes foram mui bem recebidos na cidade.

— O conde de Montemolin vae sair de Napoles com direcção a Veneza, d'onde partirá para Inglaterra a reunir-se ahí a seu irmão D. Fernando.

— Voltou novamente á scena no theatro de S. Carlos a opera *Torcatto Tasso*, desempenhando mademoiselle Bernardi o papel de Leonora.

— O Shah da Persia está pouco disposto a fazer concessões, e o seu exercito dispõe-se a tomar a praça de Herat.

— No theatro do Gymnasio estreou-se a comedia original *Os Varuncas*.

— Ha dias morreram afogados na Povoá seis pescadores.

— Os jornaes inglezes annunciam que mrs. Fox, Henderson & C., empreiteiros do palacio de cristal em Inglaterra, e outras obras consideraveis no estrangeiro, suspenderam os seus pagamentos.

— As tropas do papa occuparam nos dias 28 e 29 de outubro, Forli, Faenza e Imola. Portanto os austriacos agora unicamente occupam Bolonha e Ancona.

— A commissão de navegação do Danubio vae reunir-se em Vianna, e a Porta será n'ella representada.

— Festejou-se em Athenas o anniversario da rainha, com as pompas do uso e estylo.

— Mr. Bert descobriu que existe no Oceano Pacifico uma corrente que se dirige ao norte e este da costa d'Asia, e que parece coincidir com a do Oceano Atlantico.

— Trata-se em Hespanha de fazer um ramal de caminho de ferro desde a ria de Bilbáo até ás celebres minas de ferro de Triano.

— O conselheiro Lessa chegou ao Porto. Vae tratar do estabelecimento de uma mala-posta entre Coimbra e aquella cidade.

— Descobriu-se em Hespanha, junto a Ciempozuelos, uma mina de sulfato de soda e magnesia de excellent qualidade.

— Celebravam os israelitas o seu dia de anno novo na synagoga de Lublin (Polonia) quando da parede se desprende um candelabro, e veiu a terra com tal fracasso, que julgando a multidão reunida no templo que este vinha a terra, deitou a fugir pelas portas e janellas em tal desordem e confusão, que pereceram cincoenta pessoas.

— Recebeu em Inglaterra a sancção do governo a admiravel machina para calçado e obra de alfaiates de mr. Grover e Baker.

— Ha em Londres um fanqueiro, que só elle emprega cento e vinte machinas Winceler Wilson, que com a rapidez de mil a mil e quinhentos pontos por minuto coze a pesponto diariamente trinta e cinco a quarenta duzias de colarinhos cada uma.

— Os caminhos de ferro russos foram por fim outhorgados aos banqueiros Stiegeti, Basing, Hope, Pereira, Hottinguer, etc.

— Estão concluidas as linhas telegraphicas de Madrid a Rio Secco, com ramal para o Escorial, e acham-se mui adiantadas as geraes da Andaluzia e da Cuenca.

— O vapor francez de helice *France*, de duas mil e duzentas toneladas, a vapor e ether combinados, força trezentos cinquenta cavallos, que saiu de Lisboa a 4 de setembro e chegou á Bahia em 25 do mesmo mez, foi destruido por um incendio em a noite de 27 do referido mez. Não houve nenhuma victima a deplorar.

— O valor das pedras preciosas da corôa que a rainha de Inglaterra usa nos dias de solemnidade, é de 503:550\$000 réis.

— Era esperado esta semana o duque de Saldanha em Lisboa.

— Construiu-se no jardim zoologico de Regent's Park um viveiro de vidro e ferro com muitos repartimentos, onde se classificaram e criam peixes do mar e mariscos.

— O numero de periodicos politicos na Alemanha é de mil duzentos e oito, incluindo os da Suissa allemã.

— Em Liverpool acaba-se de confeccionar papel de ferro. É de chapa laminada, e tão fino e delgado como o de cartas.

— A mulher, segundo escreve Milton, é um lindo disparate da natureza.

— Chegou a Coimbra um parque de artilheria, que vae em viagem de experiencia. São quatro bocas de fogo de calibre 12, sendo duas d'estas pelo systema de Luiz Napoleão; vão acompanhadas de dois carros de munições e tres viaturas de reserva.

— Na quinta feira d'esta semana inauguraram-se os bailes do ex.^{mo} sr. marquez de Vianna.